



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e veja a chegada de Julian Assange, fundador do site WikiLeaks, ao tribunal de Saipan, nas Ilhas Marianas do Norte

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



CASO WIKILEAKS

Culpado e livre

Julian Assange, fundador do site WikiLeaks, cumpre o acordo firmado com a Justiça dos Estados Unidos, se declara responsável por divulgar informação de defesa nacional e ganha a liberdade, após 14 anos de uma saga judicial

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de 2.487 dias confinado na Embaixada do Equador em Londres e de 1.901 dias detido na prisão de Belmarsh, no Reino Unido, Julian Assange, 52 anos, saiu da Corte Federal dos EUA, nas Ilhas Marianas do Norte, como um homem livre. O fundador do site WikiLeaks, responsável por divulgar 70 mil documentos confidenciais sobre as operações da coalizão internacional liderada por Washington no Afeganistão; 400 mil relatórios sobre a invasão ao Iraque; e 250 mil telegramas diplomáticos, cumpriu com um acordo firmado com os EUA e com a Austrália.

Ao ser questionado pela juíza Ramona Manglona se era culpado ou inocente da "conspiração para obter e disseminar informações de defesa nacional", ele respondeu: "Culpado para a informação". A magistrada determinou a destruição do material sigiloso e perguntou a Assange se ele foi coagido ou intimidado a admitir a culpa. "Sou, de fato, culpado da acusação", declarou. Em seguida, ele brincou com a magistrada, dizendo que sua satisfação com o acordo "depende do resultado da audiência".

Manglona condenou Assange a 62 meses de prisão. "Com base no caso muito grave de espionagem contra você, eu o sentencio ao período de tempo servido", declarou a juíza, em alusão à reclusão domiciliar e na prisão de Belmarsh. "Parece que esse caso termina aqui em Saipan", acrescentou a juíza. Emocionado, Assange assentiu com a cabeça. "Agora que há alguma paz, você precisa se restaurar quando sair daqui e buscar sua vida como homem livre." A soltura de Assange ocorreu a uma semana de seu 53º aniversário e a poucos dias da data marcada para a análise do recurso de extradição para os Estados Unidos — a Justiça examinaria o caso em 9 e 10 de julho. O australiano respondia



Julian Assange, 52 anos, chega à Corte Federal dos EUA em Saipan, nas Ilhas Marianas do Norte: soltura a uma semana do aniversário

a 18 acusações ligadas à Lei de Espionagem e enfrentava o risco de ser condenado a até 175 anos.

O avião fretado pelo governo da Austrália ao custo de US\$ 520 mil (cerca de R\$ 2,8 milhões) pousou em Saipan, a maior das ilhas do território norte-americano, às 6h16 de hoje (17h15 de ontem em Brasília). Stella Assange, esposa de Julian, apelou por doações no Instagram, a fim de cobrir a despesa. Julian chegou ao tribunal acompanhado pelo ex-primeiro-ministro australiano Kevin Rudd.

A notícia do acordo e da iminente libertação de Assange foi celebrada por entidades de defesa dos direitos humanos e por chefes de Estado. "O mundo está um pouco melhor e menos injusto hoje. Julian Assange está livre depois de 1.901 dias preso. Sua libertação e seu retorno para casa, ainda que tardiamente, representam

uma vitória democrática e da luta pela liberdade de imprensa", escreveu na rede social X o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Por sua vez, o presidente cubano, Miguel Díaz-Canel Bermúdez, afirmou que "o longo e cruel castigo imposto por suas denúncias dos crimes imperialistas ficará na memória dos povos como prova de quão pouco creem seus carcereiros na liberdade de imprensa".

Elizabeth Throssel, porta-voz do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, comemorou "os avanços significativos para uma solução definitiva do caso", que "gerou uma série de preocupações relacionadas aos direitos humanos". Por sua vez, Rebecca Vincent, diretora da organização não governamental Repórteres sem Fronteiras (RSF), advertiu que Assange "não deveria ter sido privado

da liberdade por nenhum dia por ter publicado informações de interesse público".

"Aceitável"

Especialista em casos de segurança nacional, o advogado americano Mark S. Zaid explicou ao **Correio** que o acordo judicial, com a admissão de culpa, foi um resultado aceitável tanto para Assange quanto para os EUA. "Na sua essência, a acusação contra ele tratou-se de um caso muito comum ao abrigo da Lei de Espionagem, por causa da divulgação ilegal de informações de defesa nacional. Embora as mentes razoáveis possam divergir quanto ao fato de Assange ser um jornalista, do ponto de vista jurídico, isso não fez nenhuma diferença", disse. Zaid sustentou que não existe, na Primeira Emenda à Constituição dos EUA (a garantia da liberdade de expressão), proteção

capaz de prevalecer durante o julgamento de Assange que justificasse a divulgação de informações sensíveis para a segurança nacional.

Na semana passada, Anthony Bellanger — secretário-geral da Federação Internacional dos Jornalistas (IFJ) — viajou de Bruxelas para Londres, onde participou de um protesto em frente à prisão de Belmarsh. "Considero uma vitória a libertação dele. Assange poderá cuidar de si mesmo e de seus familiares. Não podemos imaginar o inferno enfrentado por ele, quando tudo o que fez foi cumprir com sua missão de informar os crimes de guerra praticados pelos EUA", afirmou ao **Correio**. "Sua prisão era injusta e insustentável. Podemos pensar o que quisermos sobre Assange. Ele entrará para a história como o homem que lançou o maior consórcio de jornalistas investigativos, o qual deu origem a importantes

Eu acho...



"Até ficarmos totalmente cientes dos detalhes do acordo, temos motivos para nos preocupar. O principal ponto é o fato de que isso pode abrir precedentes para a condenação de jornalistas que também fazem o seu trabalho de investigação. O que deveríamos pensar sobre um jornalista britânico que investigasse um caso de corrupção do Catar no Parlamento Europeu, em Bruxelas, por exemplo? É apenas uma hipótese."

Anthony Bellanger, secretário-geral da Federação Internacional dos Jornalistas (IFJ)



"Se Assange tivesse sido trazido para os Estados Unidos após a acusação em 2018, ou em 2019, quando a acusação substitutiva foi emitida, a punição esperada, caso ele tivesse sido condenado, teria sido de três a seis anos. Assim, creditar 62 meses pelo tempo servido em uma prisão de segurança máxima (mais os anos que Assange passou sob prisão domiciliar na Embaixada do Equador) é uma medida completamente consistente com a pena que ele teria cumprido. Esperemos que Assange possa continuar com a sua vida de uma forma produtiva."

Mark S. Zaid, advogado norte-americano especialista em casos de segurança nacional

revelações de interesse público."

Diretor de Advocacia da Fundação para a Liberdade de Imprensa (em Nova York), Seth Stern disse ao **Correio** estar "aliviado" pelo fato de o pior cenário ter sido evitado: uma condenação com base na Lei de Espionagem. "Isso poderia determinar um precedente legal para que jornalistas fossem processados por obterem, das fontes, segredos dos governos."

TENSÃO NO QUÊNIA

Presidente promete reprimir "anarquia" após invasão a Parlamento

Nas redes sociais, moradores do Quênia comemoravam o que seria "o maior protesto da história do país". Centenas de milhares de pessoas saíram às ruas da capital, Nairóbi, para se manifestar contra um projeto de aumento de impostos. A multidão rompeu o cordão de isolamento policial e invadiu as instalações do Parlamento, pouco depois de os deputados aprovarem emendas ao texto, que deve ser votado antes de domingo. O presidente do país, William Ruto, prometeu reprimir com "firmeza" a "violência e a anarquia". Pelo menos cinco quenianos morreram nos confrontos com as forças de segurança. Testemunhas relataram a ação de franco-atiradores.

À noite, o governo de Ruto anunciou que pediu a mobilização do Exército queniano para lidar com a situação. "Daremos uma resposta completa, eficaz e rápida aos acontecimentos de traição de hoje (ontem)", declarou o presidente. "Não é normal, nem concebível, que criminosos que fingem ser manifestantes pacíficos possam desatar o terror contra o povo (...) e esperar ficar impunes", acrescentou, alertando também "os planejadores, financiadores, orquestradores e cúmplices da violência e anarquia".

Mobilização contra o governo

O movimento "Occupy Parliament" surgiu nas redes sociais após a apresentação, em 13 de junho, do projeto de orçamento para 2024-2025, que prevê a instituição de novos impostos, incluindo um IVA de 16% sobre o pão e uma taxa anual de 2,5% para veículos particulares. Para o governo do Quênia, os impostos são necessários para dar margem de manobra ao país, muito endividado. Inicialmente liderado pela "Geração Z" (pessoas nascidas após 1997), o movimento se transformou em um protesto mais amplo contra a política do presidente William Ruto, que se mostrou disposto a dialogar.

Auma Obama, irmã do ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama, foi atingida por gás lacrimogêneo enquanto participava dos protestos, em Nairóbi. "Eu não consigo enxergar mais...", disse à emissora de tevê CNN, sem controlar a tosse. Mais tarde, Auma apareceu com o rosto coberto com um pano branco. "Eu apenas vim defender os direitos das pessoas. Temos apenas cartazes e bandeiras, e fomos atingidos com gás", criticou a ativista.

Luis Tato/AFP



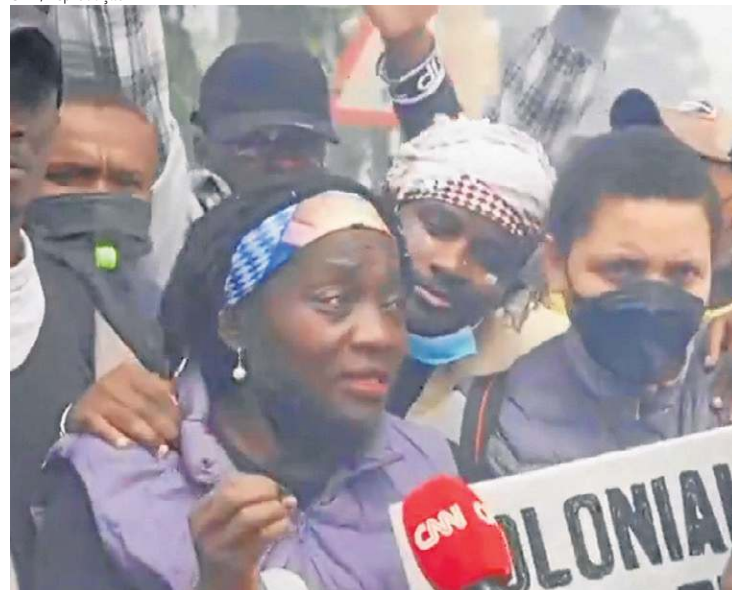
Homem ferido é socorrido, diante de corpos, do lado de fora do Parlamento

Os incidentes ocorreram no centro financeiro da capital, palco da terceira manifestação em oito dias do movimento "Occupy Parliament" (Ocupar o Parlamento), que se opõe a um projeto de orçamento para 2024-2025 que prevê a instituição de novos impostos. Várias organizações não governamentais, entre elas a Anistia Internacional Quênia, afirmaram que, além dos cinco mortos, 31 pessoas ficaram

feridas, sem especificar as cidades com registro de baixas.

Jornalistas da agência de notícias France-Presse (AFP) viram três corpos inertes no chão em meio a poças de sangue nas proximidades do Parlamento, onde um edifício foi incendiado. A principal coalizão de oposição, Azimio, acusou o governo de "desencadear sua força bruta contra os filhos de nosso país". Os Estados Unidos; mais de

CNN/Reprodução



Auma, irmã de Barack Obama, foi atingida pelo gás lacrimogêneo

uma dezena de países europeus; o chefe da Comissão da União Africana — Moussa Faki Mahamat —; e o secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmaram estar "profundamente preocupados" com a situação. A mídia local divulgou que outras manifestações ocorreram em diferentes cidades do Quênia. Além disso, a conexão de internet sofreu "importantes" perturbações no país, indicou a NetBlocks,

entidade de vigilância da rede de telecomunicações no mundo.

Moody Kimwele, de 51 anos, foi às ruas com o filho de 15 anos para denunciar a carga crescente de impostos desde o início da presidência de Ruto, em setembro de 2022. "O que fizeram com o dinheiro? (...) Não vemos nada do que arrecadaram", criticou. "Ruto nunca cumpriu suas promessas (...) Estamos cansados. Que ele vá embora", declarou Stephanie Wangari, desempregada de 24 anos.